

Entrevista

Do impacto das ‘bets’ à escassez de talentos: os novos gargalos do varejo gaúcho

Infraestrutura deficiente e altos impostos no RS geram preocupação no setor, aponta Vilson Noer

Jamil Aiquel

Guiar os rumos do comércio em uma época marcada por gargalos econômicos e novas dinâmicas de mercado demanda uma liderança propositiva. É com esse espírito que Vilson Noer conduz a Federação AGV (evolução da Associação Gaúcha do Varejo). Como presidente, ele abraça o contínuo desafio de representar milhares de lojistas em meio a obstáculos complexos, como a escassez de mão de obra e a alta carga de impostos. Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Noer destaca o impacto das apostas em bets para o comércio local e a dificuldade em conseguir mão de obra com qualificação para o setor.

Jornal do Comércio – Qual você definiria como o maior desafio do varejo gaúcho atualmente?

Vilson Noer – Um dos temas mais preocupantes é a reforma tributária através do split payment, que será iniciado em janeiro. Vai gerar um enorme desequilíbrio no fluxo de caixa das empresas, porque o imposto será descontado na origem da venda, coisa que hoje não está acontecendo. Outro assunto muito preocupante é a questão das bets, que têm consumido

uma renda substancial, na casa de bilhões mensais. Isso é um dinheiro que nem fica na economia brasileira. Outro assunto que sempre aparece é o grande nível de inadimplência, inclusive nas empresas. Estamos acompanhando um grande número de recuperações judiciais pelas dificuldades econômicas e pela competição difícil com as plataformas digitais. Fora isso, temos uma dificuldade de infraestrutura e logística no Rio Grande do Sul porque as estradas continuam muito ruins, não temos ferrovias, não temos hidrovias, e o que tem está muito sucateado. Isso acaba aumentando o preço dos produtos.

JC – A dificuldade de encontrar mão de obra é algo que também preocupa os varejistas locais?

Noer – A dificuldade de mão de obra é gigantesca, mas se deve muito à falta de qualificação das pessoas. Passamos aos candidatos ao governo do Estado uma proposta de evolução nos currículos das escolas públicas. Isso foi muito bem recebido pelos candidatos com quem já conversamos. Além disso, tem o problema geracional. As gerações jovens hoje são muito habilitadas no aspecto tecnológico, mas não têm muita paciência para trabalhar com horários fixos ou em trabalhos um pouco mais pesados. Com isso, acabam indo para o trabalho informal. Hoje estamos procurando contratar a geração prateada, os 60+, porque são pessoas mais disponíveis, muitas vezes já aposentadas, com uma idade que traz um grau de responsabilidade e comprometimento com a empresa.

JC – Como você enxerga a chegada de novas tecnologias, como a Inteligência Artificial, e como elas podem ajudar o varejo gaúcho?

Noer – A Inteligência Artificial é uma grande ferramenta que já tem uma utilização intensa nas grandes empresas, mas infelizmente ainda não chegou nas pequenas. Nesse sentido, já temos consultores que têm dado



Presidente da Federação AGV, Vilson Noer fala dos atuais desafios, como a dificuldade em conseguir mão de obra qualificada

cursos em várias entidades para os empresários fazerem o melhor uso possível da IA. Pelo que se observa, ela aumenta muito a produtividade, principalmente na logística. Ela é bem-vinda, mas não pode ser imaginada como independente em uma funcionalidade operacional qualquer. As grandes organizações que já fizeram experiências com IA, concluíram que não pode deixar de ter pessoas orientando. A venda de um produto na loja, por exemplo, tem muito a ver com um atendimento que envolva uma atenção especial. No pós-Covid, as pessoas que passaram a ir para as lojas gostam de ser bem atendidas, gostam de conversar. Nesse sentido, o varejo tem que usar a IA nas operações e liberar os vendedores para um atendimento mais cordial, com maior empatia.

JC – Como o setor enxerga a proposta de redução da jornada de trabalho da escala 6x1 para a 5x2 e quais seriam os impactos?

Noer – O varejo seria muito afetado. A indústria, de modo geral, consegue praticar um modelo 5x2, adaptando as escalas dentro das 44 horas para dar dois dias de folga no sábado e no domingo, coisa que no varejo é impossível. O varejo é um prestador de serviços que tem que estar à disposição do consumidor quase 24 horas. Teremos prejuízos também na saúde, na educação e no agro. O varejo está dentro disso. Abrir o varejo aos domingos gera um dia muito bom de vendas, mas o sábado é um dia melhor ainda. Muitos vendedores não poderão

trabalhar todos os sábados, e haverá uma perda muito grande na renda deles, já que a maioria absoluta atua com comissões. Não temos dúvida de que é uma ilusão imaginar que trabalhar 40 horas pode melhorar o País. Quando querem comparar o Brasil com países que já cumprem a escala de 5x2, esquecem que são países desenvolvidos com produtividade muito maior. Não temos capacidade para desenvolver uma competição internacional reduzindo a jornada de trabalho.

JC – Os impactos das enchentes ainda atrapalham o varejo no Rio Grande do Sul ou já são uma página virada?

Noer – Ainda tem impacto no varejo. A enchente causou prejuízos enormes para grandes regiões econômicas do Estado, e elas ainda mantêm um certo ranço financeiro nas empresas. As empresas tiveram que apelar para empréstimos. À medida que os juros subiram, se tornou quase inviável para as empresas continuarem pagando a diferença de taxa de juros, o que as fez se endividarem mais ainda para buscar novos recursos com taxas novas. Ficou muito difícil para essas empresas que já estavam em dificuldade por terem perdido praticamente tudo. Então, ainda temos o reflexo do fechamento de muitas lojas que foram atingidas e inundadas naquela época.

JC – Como você avalia a retirada da chamada “taxa das blusinhas” pelo governo e qual o verdadeiro impacto disso no varejo gaúcho?

Noer – A taxa das blusinhas é uma simbologia. Temos milhares

de produtos que vêm da China por até 50 dólares e que pagavam os 20% de taxa que nós conquistamos lá atrás junto ao governo. A eliminação dessa taxa no período pré-eleitoral foi muito irresponsável por parte do governo. Não tem lógica reduzir uma taxa que vinha sendo cobrada para prejudicar a indústria nacional. Como eu disse, não vêm só blusinhas; vem panela, vem tomada, vem tudo o que se possa imaginar, afetando todas as indústrias que têm alta carga tributária. Por que o governo não isentou a indústria brasileira na mesma linha? Se tivessem reduzido também o imposto das empresas nacionais, haveria isonomia tributária. Não é possível competir no mercado quando a questão tributária é injusta.

JC – O que o varejo gaúcho espera do próximo governador para acelerar o desenvolvimento do estado?

Noer – O que esperamos é uma verdadeira reconstrução econômica, na qual temos que reavaliar tudo o que está acontecendo para tornar o Rio Grande do Sul novamente competitivo. Hoje, o Estado não está sendo competitivo com o resto do Brasil. Se compararmos com Santa Catarina e Paraná, percebemos que nosso ambiente de negócios é complicado. Há certa insegurança jurídica e muita litigância, o que cria muitos problemas para investir e afasta as empresas. O governo tem que fazer um projeto estratégico voltado para termos menos Estado e mais investimento privado, tornando a economia mais competitiva.



Estamos acompanhando um grande número de recuperações judiciais pelas dificuldades econômicas e competição com plataformas digitais